

## FAXINAL E ZADRUGA: USOS DA TERRA, NARRATIVAS E HISTÓRIA COMPARADA

José Adilçom Campigoto<sup>1</sup>  
Ancelo Schörner<sup>2</sup>

**Resumo:** As relações que os povos tradicionais da região Sudeste do estado do Paraná estabelecem com a terra demanda investigações comparativas com outras regiões do planeta. A *zadruga*, típica da região dos Balcãs é representada como espaço que abriga famílias nucleares, com o direito de compartilhar os bens comuns. São habitantes de uma mesma casa, sob o governo de um chefe local. O faxinal, por sua vez, é típico da região sul do Brasil. Trata-se de um espaço caracterizado pela criação de animais em regime de compáscuo, exploração de certos recursos naturais em comum e com preservação de certa memória grupal. Neste artigo cotejamos textos de escritores brasileiros e da Europa Central visando comparar as formas de tratamento do tempo e do espaço com respeito a este tipo de organização social.

**Palavras-chaves:** Faxinal; Zadruga; Ruralidades.

### FAXINAL AND ZADRUGA: LAND USES, NARRATIVE AND HISTORY COMPARED

**Astract:**The relations that the traditional peoples of the southeastern region of the state of Paraná establish with the rural property demands comparative investigations with other regions of the planet. *Zadruga*, typical way of using the property detected in the Balkan region, is represented as a space that houses nuclear families, with the right to collectively enjoy their material goods. They are inhabitants of the same house, under the government of a local head. The *faxinal*, in turn, is typical of the southern region of Brazil. It is a space characterized by the creation of animals in communal breeding, exploitation of certain natural resources in common and with the preservation of some group memories. In this article we compare texts by Brazilian and Central European writers, in order to compare the ways of dealing with temporality and spatial dimension, when writing about these forms of social organization.

**Keywords:** Faxinal; Zadruga; Ruralities.

### Introdução

A história rural da região Centro-Sul do estado do Paraná implica os debates em torno da 'eslavicidade' por ser comum o dito de que os faxinais (modo de organização típico dos agricultores dessa área) vinculam-se, diretamente, aos imigrantes poloneses, ucranianos e a seus descendentes. Também se ouve, com frequência, certos enunciados referidos aos vínculos entre o uso da terra e a cultura, dita eslava. Os imigrantes teriam transportado para o Brasil um modo específico de relacionar-se com o mundo rural que por hipótese, seria a *zadruga*

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus de Irati. Email: [ja.cam.pi@hotmail.com](mailto:ja.cam.pi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus de Irati. Email: [ancelmo.schorner13@gmail.com](mailto:ancelmo.schorner13@gmail.com)

um modo de organização coletiva típico dos Balcãs. Em contrapartida, essa mesma narrativa da ‘peculiaridade eslava’ abrange o ponto de vista inverso, indicando que quando aqui chegaram, tais imigrantesteriam incorporado o ‘modo de vida original dos caboclos’, ou seja, dos nativos que encontraram na região das matas de araucária.

Esses estrangeiros e seus descendentes, pode-se dizer, apresentavam algumas características comportamentais singulares em relação à utilização dos recursos naturais e à exploração da terra. O caso do faxinal do Itapará, atual distrito do município de Irati-PR, serve como ilustração, um espaço administrativo criado através da lei nº 1919, de 23 de fevereiro de 1920. A área, no entanto, fora oficialmente colonizada no ano de 1908, com o assentamento de colonos ucranianos e poloneses, que num primeiro momento, estavam alocados em Prudentópolis-PR. Conforme escritos de memorialistas locais, os 7.016 hectares de terra destinados à colônia iratiense foram divididos em 300 lotes.<sup>3</sup>

Aí, cada família recebeu sua porção de terra na forma de propriedade particular, medindo, em média, vinte e três hectares cada. Logo após essa distribuição oficial, conforme escritores locais, os imigrantes resolveram construir um grande cercado, abrangendo terras pertencentes aos recém assentados para, numa área comum, praticarem a criação de animais em regime de *compáscuo*. Podemos dizer que eles, de certa forma, rejeitaram o modelo geral (o de propriedade particular) padrão apontado, por vários estudiosos do assunto, como o protótipo de ocupação territorial adotado pelos imigrantes europeus introduzidos no Brasil, pelo menos, na região Sul do final do XIX e início do XX.

O padrão desprezado por estes ‘eslavos’ da região Centro-Sul do estado do Paraná (mesorregião sudeste) consistia em que os assentados habitassem a pequena propriedade e a explorassem com suas famílias, de forma individual.

Valdir Gregory, por exemplo, afirma que:

A colonização europeia no Sul do Brasil (...) significa, então, o estabelecimento de europeus, os colonos, em pequenos lotes de terra, que foram cultivados e explorados, normalmente, sem o auxílio de qualquer mão de obra estranha. Colonizadores são

---

<sup>3</sup> ORREDA, José Maria. **Irati 70 Anos**. Irati: Impressora Martins, 1978. p. 18.

empreendedores privados ou funcionários da atividade pública, que se dedicam aos negócios da colonização, e colonos são os camponeses que adquirirem lotes de terra agrícola para cultivá-la.<sup>4</sup>

O texto diz respeito, mais especificamente, à colonização ocorrida a partir do segundo quartel do século XIX e à região Oeste do Paraná; mas, podemos concordar, ser este o modelo geral adotado por agentes colonizadores tais como as empresas privadas e os funcionários públicos dedicados a este ramo imobiliário coevo, na região Sul do Brasil. De fato, o caso do Itapará enquadra-se nesta 'dinâmica' comum de disseminação de pequenas propriedades individuais.

O desdobramento da implantação desta colônia, no entanto, indica uma opção por outro modelo. Estes imigrantes se desviaram da reprodução da pequena propriedade, modelo de ocupação legalmente hegemônico no Ocidente atual, o que nos leva a pressupor alguma relação com a cultura das *zadrugas*. Os 'eslavos' do Itapará, como muitos outros desses imigrantes e seus descendentes nesta região, adotaram o sistema de faxinais. Trata-se de

Certo modo de utilização das terras em comum, delimitada por cercado, para a criação de animais [...] O faxinal é dividido em terras de plantar e terras de criar. A área de criação, ou área de *compáscuo*, é um cercado composto por matas e pastagens em que se localizam as habitações dos faxinalenses. Na parte interior a esse espaço comum, que pode pertencer a um proprietário não morador do faxinal, ou a vários proprietários/moradores, são criados animais de várias espécies, tais como bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos, além de vários tipos de aves domésticas [...] Os animais são de propriedade particular dos faxinalenses, sendo o número que cada morador pode criar naquele espaço, definido pelo grupo [...] As casas são dispostas no interior da área cercada, sendo boa parte delas protegidas por um cercado menor, ao entorno dos quais as criações circulam livremente. As entradas e saídas destas áreas são protegidas por porteiras e cancelas, ou por uma espécie de pequena ponte, construída sobre um vão escavado especialmente para tal fim [...]. As terras de plantar localizam-se fora do cercado e podem pertencer ao proprietário que as cultiva, ou serem arrendadas.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> GREGORY, Valdir. **Os euro-brasileiros no espaço colonial: Migrações no Oeste do Paraná**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002. p. 5.

<sup>5</sup> CAMPIGOTO, J. A.; SOCHODOLAK, H. Os Faxinais da região das araucárias. In: OLINTO, B. A.; MOTTA, M.; OLIVEIRA, O. **História agrária: propriedade e conflito**. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008. p.183-212.

O faxinal apresenta-se como uma organização fundiária atípica no ocidente, principalmente, por conta da cerca em torno das terras de uso comum para criação de animais e foi adotado por imigrantes oriundos da Europa Central. É possível que alguma predisposição cultural para o uso coletivo de áreas rurais tenha se mantido quando estes foram assentados na região das matas de araucária.

### **Terras de uso comum: na Europa Central e no Centro-Sul do Brasil**

Discutimos, neste artigo, a hipótese de que os imigrantes teriam adotado a prática do criatório comum devido à sua cultura, ou seja, à forma de relacionar-se com a terra e com a propriedade agrícola. Em que pese o fato de que a dimensão cultural extrapole amplamente a ruralidade, Samuel Hazzard Cross escreveu que

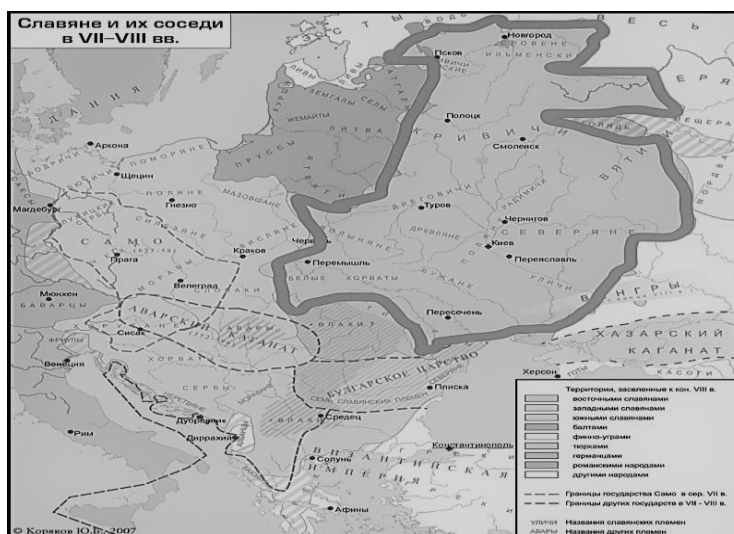
The most peculiar social unit preserved by a Slavic people in historical times is the Serbian *zadruga*, which may be defined as 'a household composed of two or more biological or small-families, closely related by blood or adoption, owning its means of production communally, producing and consuming its means of production jointly, and regulating the control of its property, labor and livelihood communally'. The characteristic family community is probably, like the Indic 'joint-family', a remnant, not merely of Slavic, but of common Indo-European antiquity.<sup>6</sup>

A vinculação dessas organizações comunais conhecidas como *zadruga* aos povos eslavos parece usual na literatura da região da Europa Central, pelo menos desde as primeiras décadas do século XIX. É nela que vamos nos basear para a presente investigação, levando em consideração a advertência feita por Mihail Gruev, na época professor de história na Sofia University 'St. Kliment Ohridski', para quem trata-se de uma discussão extremamente difícil e complexa uma vez que o conceito 'povos eslavos' encontra-se em permanente movimento.

---

<sup>6</sup> A unidade social mais peculiar preservada historicamente por um povo eslavo é a *zadruga* sérvia, que pode ser definida como um agregado familiar composto por duas ou mais famílias nucleares, ligadas por sangue ou por adoção, com propriedade comunitária de seus meios de produção, sendo também comunitária a produção e o consumo dos bens, fator que regulamenta o controle de sua propriedade comunal, o trabalho e os meios de subsistência. A comunidade familiar característica é provavelmente, assim como a 'família-comum' hindu, uma remanescente, não apenas dos eslavos, mas de uma antiguidade indo-europeia comum. Cf. CROSS, S. A. [1930]. **Primitive Slavic Culture**. Quickbooks. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/88761086/Primitive-Slavic-Culture>. Acesso em 14/03/2014.

Podemos delimitar a noção para efeitos desta pesquisa, estabelecendo que os ‘eslavos’ são os descendentes de povos ancestrais indo-europeus que, desde cerca de cinco mil anos, habitaram a região da Europa Central e Oriental. As pessoas vinculadas a estes agrupamentos humanos são, atualmente, divididas em três grandes ramos: o oriental, constituído pelos russos, bielo-russos e ucranianos; o meridional, formado por búlgaros, sérvios, croatas, macedônios e eslovenos; e o ocidental, composto por tchecos, eslovacos, poloneses e lusácios.



Os eslavos orientais, no séc. VII e VIII d.C., localizavam-se na região circulada com pincel grosso.

A *zadruga* é, portanto, associada ao setor meridional deste complexo mapa dos chamados povos eslavos, aqui apresentado de forma assaz esquemática. Na literatura específica, essa forma de organização camponesa é descrita como um modo familiar de unidade econômica em que o consumo é coletivo enquanto que os bens são considerados como particulares. Tal mescla entre modalidades de posse e uso dos bens é, também, uma das características destacadas dos faxinais localizados no Brasil, como veremos mais adiante. Por ora voltemos aos textos relativos à *zadruga* com o fim de termos uma ideia mais ampla a respeito desta organização social outrora disseminada na área rural balcânica.

O escritor búlgaro Stefan Savov Bobtchev, por exemplo, identificou dois tipos delas. A ‘*zadruga simples*’, correspondendo aproximadamente à família comum pela dimensão e pela composição sendo o chefe grupal proprietário dos

bens a que todos podem usufruir. A ‘*zadruga* complexa ou coletiva’, em que a unidade do grupo ocorre objetivando e em função da propriedade comum dos bens, mas também, com a finalidade de se obter apoio e proteção. Os aspectos da tutela e do amparo são importantes porque, conforme o autor, a partir dessas funções sobreviveram as *zadrugas* em sua forma clássica. Trata-se de uma forma organizacional familiar em que os membros variam, entre 10 e 40 pessoas, que vivem, trabalham, contribuem, comem e governam-se em comum.<sup>7</sup>

Segundo Bobtchev, o termo *zadruga* (задруга) talvez tenha sido utilizado, pela primeira vez, no dicionário sérvio-alemão-latino, publicado em 1818. O significado geral é casa comunal, ou grupo de pessoas que vive num mesmo local e se organiza coletivamente. Afirma-se, também, que no ano de 1859, o líder político e escritor croata Ognjeslav Utješenović Ostrožinski publicou a primeira monografia sobre o tema.<sup>8</sup> O autor argumentou tê-la crescido numa *Hauskommunion* (casa de comunhão ou comunal), sendo tal experiência (observação e vivência) a principal fonte a que recorreu para a produção de seu texto. O material produzido por Ostrožinski indica a expressiva quantidade de escritos, no continente europeu, referente à *zadruga*, o que não se pode dizer do caso brasileiro, isto é, dos faxinais.

A descrição considerada como mais antiga, a respeito do que poderia ser um destes núcleos comunais, refere-se a certa localidade situada nas matas de araucária. O texto é de autoria do médico e explorador hanseático Robert Christian Avé-Lallemant. O material é datado de 1848 e pertence ao gênero literatura de viagem. Nele, a paisagem descrita situava-se na região fronteira entre o Estado do Paraná e o de Santa Catarina.<sup>9</sup> As pessoas ali encontradas eram segundo disse, majoritariamente mestiças de indígenas com brancas. O detalhe importante para nossa comparação, aqui: elas usufruíam de seus bens coletivamente.

Interpretamos tal relato como escrita a respeito de algo pelo menos muito semelhante a um faxinal porque não se tratava de um grupo de indígena (eram mestiços e brancos) nem de um quilombo (não menciona negros ou mulatos). Em

---

<sup>7</sup> БОБТЧЕВ, S. S. A *zadruga* de filharada (челяд) búlgara. **Colectânea NUNK**, Sófia, n. 22-2, 1907. p. 10-21.

<sup>8</sup> Os primeiros relatos escritos sobre o tipo de família identificado como *zadruga* datam de meados do século XVIII, sendo atribuídos aos escritores croatas Matija Antun Reljković e Ivan Lovrić, bem como ao viajante húngaro-austriaco Mathias Piller.

<sup>9</sup> Região Sul do Brasil.

ambos os casos se justificaria a posse comum dos bens. Para a história dos faxinais, o detalhe mais significativo consiste em que, em volta existiam cercados para vitelas e porcos dando a impressão de que a área destinada aos animais que pertenciam a todos, já que os bens eram coletivos, era envolta por cercas.

Avé-Lallemant fazia o percurso entre a atual cidade de Joinville-SC e a de Curitiba-PR. Relatou que ao chegar à província do Paraná

No meio da floresta elevava-se uma colina, na qual havia uma pequena estância. Subimos para lá a ver se havia possibilidade de haver pousada [...]. Formavam a habitação uma casa feita de grossas tábuas de pinheiro, em rigor só um espaço com um tapume de dois telheiros de paredes de barro. A alguma distância havia ainda uma barraca de tábuas. Em volta, cercados para vitelas e porcos.<sup>10</sup>

A descrição parece esboçar o encontro com uma ‘comunidade ancestral’, e bem poderia ser classificada como um discurso fundador. Convém dizer, todavia, que o texto de Avé-Lallemant, exceto prova em contrário, nunca foi utilizado para tal fim, isto é, “[...] apresentar uma resposta ao sujeito acerca (sic.) da origem do seu mundo, da linguagem e da lei à qual se encontra submetido, respondendo assim à pergunta acerca (sic.) da sua própria origem”.<sup>11</sup>

Seja como for, a imagem do grupo de pessoas vivendo e usufruindo coletivamente dos bens lembra a *zadruga* e o faxinal, este ainda mais devido aos cercados mencionados. Neste caso, o texto seria uma das primeiras escritas de que se tem notícia sobre os criatórios comuns cercados e mesmo sendo uma descrição esquemática e incompleta, oferece certa base para contrapor à produção escrita quanto a estas práticas culturais, no Brasil e na Europa.

Deste modo temos que o trabalho do escritor sérvio-croata Ognjelav Utješenić Ostrozinski,<sup>12</sup> intitulado como *Die der Hauskommunionen Suedslaven*<sup>13</sup> é aceito e citado como a primeira descrição completa da vida familiar e

<sup>10</sup> AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Parana**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. p.34.

<sup>11</sup> SOUZA, Mériti de. Discurso fundador, história e subjetividades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 12, p. 57-64, dez. 2002.

<sup>12</sup> OSTROŽINSKI, O. U. **Die Hauskommunionen der Südslaven**: Eine Denkschrift zur Beleuchtung der volksthümlichen Acker-und Familienverfassung des serbischen und kroatischen Volkes. Wien: F. Manz & Compagnie, 1859. p. 38-75.

<sup>13</sup> Da casa de comunhões na região Sul-eslava. Tradução livre.

comunitária numa *zadruga*. Tal fato pode ser pensado como discurso fundador daquele modo de vida Centro-Europeu.

Sintomaticamente, as descrições de Avé-Lallemant e os textos europeus se aproximam em determinados pontos e em certos elementos narrativos. A propriedade familiar da terra e o usufruto coletivo dos animais, bem como dos meios de trabalho na *zadruga* são apresentados como '*res communis omnium*' sob a égide de 'família nuclear'. Trata-se de uma comunidade de vida, abrangendo as músicas e as danças folclóricas executadas e efetuadas durante e depois do trabalho. Tal sociedade abarca, igualmente, a guarda e transmissão, via oralidade, de certas narrativas e tradições. Implica a comunidade de trabalho conjunto e a corporação de governo, centrada na pessoa do chefe que administra a agremiação na Europa,<sup>14</sup> segundo o texto de Ostrozinski.

No texto de Avé-Lallemant, o grupo da 'estância da colina' era formado por Antônio Ribeiro e sua esposa, que eram pais da esposa de José dos Santos Barbosa. Havia, segundo narra, mais alguns homens e mulheres 'mestiços de branco e índio'. O autor julgou que, pela quantidade de crianças ali existentes, os adultos formavam casais. Escreveu que "[...] nos confins da civilização não é fácil passar a limpo essas relações. Aquela gente tinha a rudimentar estância em comum e tudo entre eles parecia em condomínio".<sup>15</sup> Então pertenciam à coletividade as casas e os animais: tanto os porcos quanto as vitelas. Podemos pressupor, igualmente, que a terra era de uso comum assim como os recursos naturais, provavelmente, a erva mate.

Consideramos, no entanto, que escritos sobre tais temas, quando em perspectiva romântica, apresentam certa dose de bucolismo, mesmo que os escritores demonstrem ciência a respeito deste risco. Ostrožinski, por exemplo, assinalou, no prefácio de sua obra, que não iria negligenciar as desvantagens da *Hauskommunion*. O leitor espera em vão, porque ao longo de toda a discussão, não menciona os problemas característicos daquele tipo de organização camponesa, ou seja, os conflitos que são normais em qualquer situação de convivência humana. A perspectiva adotada em seus textos implicou que o autor fosse considerado como

---

<sup>14</sup> RIHTMAN-AUGUŠTIN, Dunja. The communal family between real and imagined order. **Nar: um jet**, Zagreb, n. 1. 2, p. 209-218, 1988.

<sup>15</sup> AVE-LALLEMANT, Robert. *Op. Cit.*, p. 34.



um dos mais importantes defensores da *zadruga*. Por conta disso, argumenta-se que o 'retrato esboçado da *Hauskommunion* por ele faz parte de um idílio romântico rural. Essa é a opinião de Natascha Vitorelli, no texto *An "other" of one's own: Pre-wwi south slavicaacademic discourses on the zadruga*.

Analisando-se a biografia de Ostrožinski, podemos nos dar conta que publicou uma série de poemas de cunho patriótico e romântico. Uma de suas composições, escritas no ano de 1842, inicia com o seguinte verso: "O mundo inteiro vê amanhecer, mas à luz do dia nunca chega aos Bálcãs". Tratava-se de um lamento a respeito da cultura dos que considerava como os ignorados povos eslavos do Sul.<sup>16</sup>

Com base nisso, pressupomos que a *zadruga* fora uma temática de interesse político, vinculada a identidades nacionais dos povos eslavos tais como, principalmente, os sérvios e os búlgaros. Tratava-se de um assunto mobilizador de energias com respeito à gênese do sujeito (o sérvio, o búlgaro, o eslavo) oferecendo respostas à pergunta a respeito de sua origem.

Para ilustrar. Um líder político balcânico chamado Ivan Evstatiev Guechev<sup>17</sup> escreveu um texto em 1888, com o título *A zadruga na Bulgária ocidental*. Levantou algumas questões a respeito destas coletividades. Entre elas, provocou: "Quantos dos escritores búlgaros ocupados com a política e a crítica encontraram tempo para estudar este estabelecimento familiar búlgaro, a vida búlgara em geral?". Afirmou tratar-se de uma comunidade *челяди*, onde o pai, a mãe, os filhos e os netos moram na mesma casa.

A descrição feita por este membro da Sociedade Livresca da Bulgária sobre uma *zadruga* localizada na região de *Gorna Bania* é característica,<sup>18</sup> oferecendo pontos de ancoragem para a comparação com os faxinais. Conforme o texto,

---

<sup>16</sup> Utješenić publicou, no ano de 1871, uma série de poesias reunidas num volume intitulado como *Vila Ostrožinska (Vila Ostrisinski)*. Escreveu vários poemas patrióticos, sendo o mais conhecido dos quais é *Uskrsnuće Jelačića bana* (a ressurreição de Ban Jelačić), o mais conhecido. Esse poema foi adaptado tornando-se a canção patriótica '*Ustani, amargura*' (Levanta-se amargura).

<sup>17</sup> Político búlgaro e membro da Sociedade Livresca da Bulgária entre o final do século XIX e início do século XX.

<sup>18</sup> Em *Gorna Bania*, atualmente um bairro de Sófia, segundo Émile Laveleye, existiam cerca de 20 *zadrugas*.

Na sala de visitas vemos, na parede, uma foto que apresenta um grupo de 28 pessoas - homens, mulheres e crianças. Encontramos-nos diante da família comunal dos *Bojov*, cujo membro importante é o nosso anfitrião, o padre. Essa *zadruga* que há quatro anos tinha 28 e agora já tem 35 pessoas, dirige-se por um ecônomo, *Todorin*. Juntamente com ele estão também os seus seis irmãos (um padre, um agricultor, um pastor, um moleiro, um taberneiro e um alfaiate). Nada é particular: tudo é comum, com exceção da roupa. Todos trabalham para a *zadruga*; até o padre, se receber dinheiro por ter celebrado um casamento, um batismo ou um enterro deve depositá-lo na caixa comum. A *dona da casa* (*gospodinja*), a mulher de *Todorin*, ordena qual das cunhadas e em que dia fará o pão e em que dia preparará a comida; de um fogo comum e de uma caldeira comem os 35 membros da *zadruga*. O entendimento e o amor são permanentes nesta *zadruga*. O padre diz-me que se estivessem separados os seus irmãos nunca podiam levantar-se depois do terrível arruinamento que sofreram durante a última guerra russo-turca... O trabalho é distribuído entre todos os seus membros. Nela há um ecônomo, um agricultor, um moleiro e um taberneiro.<sup>19</sup>

Podemos dizer, de início, que a *zadruga* retratada pelo autor apresenta algumas características peculiares, retomadas ou aprofundadas em outros escritos. Assim, de acordo com Alexa Stanischitsch, as *zadruga* eram integradas por 10 a 20 pequenas famílias relacionadas por laços de sangue, que viviam e trabalhavam juntas, possuíam uma propriedade comum e reconheciam a autoridade de um mesmo patriarca. Elas, ainda segundo a autora, ocupavam aldeias inteiras e ali praticava-se um culto doméstico a determinado santo protetor. Informou, também, que a identidade grupal derivava do padroeiro e que a vida econômica, religiosa, de autoridade e obediência formava uma totalidade. Os interesses materiais, ainda segundo o texto de Alexa, se reforçavam com os sentimentos, as crenças, as opiniões comungadas, o parentesco, os direitos e a cultura sustentada na tradição.<sup>20</sup>

A dimensão cultural e as relações de poder nestes grupos rurais chamaram a atenção outros estudiosos. Ivan Strohal referiu-se a expressões usadas nestes lugares para nomear as autoridades internas. Além dos termos '*kuca*' e '*familija*' incluiu-se a designação '*patriarkalni život*', isto é, vida patriarcal. Segundo o mesmo

---

<sup>19</sup> LAVELEYE, Émile Luis Victor de. **Primitive property**. London: Macmillan and Co., 1878. p. 100-121.

<sup>20</sup> STANISCHITSCH, A. **Ueber den Ursprung der Zadruga**: Eine soziologische Untersuchung. Bern: Buchdruckerei Scheitlin/Spring, 1907. p. 37-61.

Strohal, o poder do *paters familiae* não era exercido de forma absoluta, pois as decisões dependiam de debates e consultas a todos os membros do grupo, em uma reunião comum chamada *dekončak*.<sup>21</sup> Então, podemos comparar certos aspectos da *zadruga* e do faxinal.

As devoções, a identidade, o trabalho coletivo, a cultura e as tradições representam temáticas, também, largamente recorrentes na literatura a respeito dos faxinais, como veremos adiante. Estes não são formas de organização ou comunidades governadas por líderes escolhidos ou eleitos. As lideranças são espontâneas a não ser nos casos em que são criadas associações de moradores, que são situações mais raras e recentes.

Wladimir Teixeira Schuster e Cicilian Luiza LöwenSahr estudaram o faxinal Saudade Santa Anita, localizado no município de Turvo-PR. Afirmam que um dos aspectos peculiares a este vilarejo implica na

[...] existência de uma associação dos moradores, que conseguiu, com a ajuda do governo do estado, adquirir dois tratores com seus implementos. Estes tratores são usados para prestar serviços para os associados, além de gerar emprego para os tratoristas (faxinalenses), que trabalham e ganham por hora trabalhada. Os sócios pagam para receber o trabalho do trator em valores de litros de combustível (óleo diesel) e o operador recebe uma porcentagem deste pagamento. Estes tratores, também prestam serviços para não sócios, mas para estes o preço é mais alto, além de ser um serviço prestado só em épocas que os associados não precisam. Desde os anos 1990, com a fundação do grupo GAESSA (Grupo de Agricultores Ecológicos Saudade Santa Anita), estão sendo produzidos no faxinal produtos agroecológicos. Estes produtos, segundo os moradores, se distinguem dos orgânicos devido ao seu modo de produção, pois são produzidos de forma que o meio ambiente seja respeitado como um todo, só fazem parte do grupo dos produtores agroecológicos aqueles que correspondem às exigências das avaliações. Diferentemente dos produtos vendidos como orgânicos, os agroecológicos não são produzidos apenas com o objetivo de produzir lucros, mas também por ser um componente a mais na melhoria das condições de vida, seja dos produtores, seja dos consumidores. O lucro que os faxinalenses têm com esta produção é visto como uma consequência e não como objetivo.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> TOMAŠIĆ, Dinko. **Personality and culture in Eastern European politics**. New York: George Stewart, 1948. p. 149-205.

<sup>22</sup> SCHUSTER, W. T. e LÖWEN SAHR, C. L. O faxinal do presente e o faxinal do passado: evolução do uso da terra no faxinal Saudade Santa Anita – Turvo (PR). In: **Pulbicatio UEPG**, Ponta Grossa/PR, vol. 15, n 1, p. 7-18: abr. 2009. Disponível em

Conforme estes autores, os membros do faxinal, em épocas passadas, estavam submetidos a algumas autoridades locais. Tratava-se de

[...] inspetor (municipal ou de quarteirão), o qual era incumbido de resolver problemas/desavenças entre moradores, marcar datas para a manutenção das cercas, etc. As benzedeadas, que através de suas orações e chás amenizavam/curavam vários problemas de saúde e as parteiras, que acompanhavam as gestantes e, em caso de necessidade, faziam os partos.<sup>23</sup>

A autoridade, neste caso, vinculava-se à ordem, ao nascimento, à saúde e à doença. E com respeito ao bem-estar às moléstias, o médico parasitologista Lourival Luiz Fornazzari, no final da década de 1960, elaborou uma descrição a respeito do já mencionado faxinal do Itapará. Segundo o autor, a organização

[...] situa-se em um planalto bastante acidentado, no sopé da Serra da Esperança. A vegetação é secundária, constituindo-se quase exclusivamente de capoeiras, pois o terreno é intensamente lavrado, persistindo pequenos capões de mato junto dos mananciais [...]. Apopulação do distrito é estimada em 3.000 pessoas, na sua maioria descendentes de ucranianos e poloneses, todos agricultores, fazendo raras exceções, alguns comerciantes [...]. O número de indivíduos de outros grupos étnicos é insignificante. Os produtos cultivados são: batata inglesa, milho, feijão, trigo, arroz, centeio, fumo, cebola e alho. As verduras e as frutas são raras. Criam-se galinhas e suínos sem métodos, sendo reduzidíssimo o gado vacum. São extremamente religiosos, conservando os costumes e as crendices herdadas dos ancestrais e algumas adquiridas em nosso meio [...]. O índice de alfabetização é pequeno<sup>24</sup>.

O epidemiologista afirmou que o gado, as aves e os suínos eram criados “sem métodos”, ou seja, ignorando-se procedimentos sistemáticos, sem que se observem processos científicos, em outras palavras, seguindo a forma tradicional. Trata-se da criação extensiva, também conhecida como criação ‘às soltas’, classificada pelo investigador de parasitologia como uma atividade realizada de forma espontânea.

---

<https://revistas.apps.uepg.br/index.php/exatas/article/view/970/841>. Acesso em 13/07/2020. p.13 e 14.

<sup>23</sup> *Ibidem*. p. 13.

<sup>24</sup> FORNAZZARI, Lourival Luiz. Investigações parasitológicas e socioeconômicas. **Revista O Debate**, Irati, ano 1, n. 1, p. 39-45, 1968.

A categorização feita pelo Dr. Fornazzari vincula-se aos debates e aos discursos que estavam em voga na região, na década de 1960. Giravam em torno da chamada modernização da agricultura e podem ser detectados em escritos de outros autores coevos sobre a área rural. Nessa região, os poetas escreveram sobre a vida no campo. O iratiense Foed Castro Chama, por exemplo, disse em prosa que:

A realidade agrária brasileira começa já a se ressentir de uma ação que irá modificar substancialmente o panorama econômico e cultural do país em futuro muito próximo. Trata-se de um trabalho do governo visando uma orientação racional para o agricultor na assimilação de fatores científicos que permitam o desenvolvimento de suas culturas agropecuárias fora daquele temor sacramentado por um culto que vem de idades mitológicas, quando Ceres era evocada, e eram rendidos sacrifícios em favor da deusa para a proteção das colheitas.<sup>25</sup>

Foed não era descendente de ‘eslavos’, mas conviveu com gente desta etnicidade, na região Sudeste, até a adolescência. Opinava a respeito da agricultura, do modo de vida, das relações que os sujeitos estabeleciam com a terra, relativamente ao uso de tecnologias ditas modernizadoras e, de certa forma, ao aproveitamento dos recursos naturais. Nota-se que seus escritos o colocavam num ponto, de certa forma, oposto às composições elaboradas pelo já mencionado poeta croata Ostrožinski; mas é preciso considerar que um século os separa.

O iratiense, radicado no Rio de Janeiro, não tematizou a forma de organização camponesa característica da região, nem destacou os valores locais como fez o croata (classificado como romântico e nacionalista) e, salvo engano, nem sequer mencionou os faxinais.<sup>26</sup> Sua forma de perceber o mundo rural coaduna-se mais à do sanitarista de que falamos acima, no sentido de enfatizar criticamente os aspectos tidos por eles como arcaicos e prejudiciais às populações tradicionais. Fornazzari classificou como obsoletos certos detalhes das moradias localizadas no interior do faxinal. Eram, como disse, edificações feitas de

[...] madeira de pinho, algumas cobertas de tabuinhas e outras de telha, com três ou quatro cômodos. Geralmente assoalhadas, a maioria apresentando chão de terra batida na cozinha. Algumas

---

<sup>25</sup> CHAMA, Foed Castro. Notas para um estudo da ecologia de Irati. **Revista Irati**, Irati, n. 1, p. 35-47, 1967.

<sup>26</sup> Foed era descendente de luso-libaneses e categorizado como neomodernista.

caiadadas, uma minoria pintada a óleo, com janelas envidraçadas e outras sem pintura. Resíduos e detritos jogados, porta a fora. Não encontramos privadas na região, exceção feita às habitações de comerciantes. As dejeções são depositadas a céu aberto. A água utilizada para os diversos fins provém de olho d'água.<sup>27</sup>

Conforme evolui a descrição, nota-se que o obsoleto se torna patológico e então, foco de contágio ou de proliferação parasitológica. A falta de toaletes, a mina de água desprotegida e a forma de criação dos animais foram destacadas, no escrito, como situações e práticas condenáveis. O compartilhamento do espaço entre animais humanos e não humanos entrou, também, para o rol das situações de proliferação: “Os animais domésticos – aves, porcos e cães – encontram-se soltos ao redor da casa.”. Numa descrição quase oposta àquelas feitas sobre os moradores da *zadruqa*, afirmou que no faxinal

Tanto adultos como crianças andam descalços e a higiene pessoal deixa muito a desejar. A alimentação, em grande parte amilácea, pobre em proteínas animais e lipídeos. Os varões, de maneira geral, fazem uso de bebidas alcoólicas e do tabaco, sob a forma de cigarro de palha e cachimbo. Geralmente trabalham para um colono proprietário de terra em regime de empreitada ou alugando-as para o plantio, não colhendo quase sempre o suficiente para o sustento da própria família.<sup>28</sup>

O médico apresentou alguns aspectos da ruralidade brasileira desde a perspectiva da modernização agrícola de maneira semelhante ao que fez o agrônomo Newton Sponholz, na década seguinte, ou seja, a de 1970. Este referiu-se aos eslavos (poloneses e ucranianos) e seus descendentes radicados na região das matas de araucária,<sup>29</sup> na obra “A terra e o homem no sul do Paraná: problemas e perspectivas”, destacando os poloneses. Argumentou que eles migraram numa época em que seu país de origem encontrava-se sob o domínio da Rússia, da Áustria e da Prússia, nações que exploravam os povos subjugados, negando-lhes a instrução. Era, segundo o profissional da agronomia, uma estratégia para “[...]impedir o desenvolvimento cultural dos oprimidos, dificultando-lhes a

---

<sup>27</sup> FORNAZZARI, Lourival Luiz. *Op. Cit.*, p. 9-45.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

<sup>29</sup> Trata-se de mais de trinta e cinco mil pessoas a se estabelecerem, especificamente, na região sudeste do Paraná, entre os anos de 1892 e 1910.

educação e, em consequência, o discernimento e a capacidade de pensar, para mais facilmente se utilizarem dos seus trabalhos braçais”.<sup>30</sup>

Sponholz apontou que a região da Galícia, portanto próxima aos Balcãs e que atualmente pertencente à Ucrânia, era ocupada pela Polônia. Os imigrantes vindos dali para o Brasil, escreveu, foram submetidos à mesma estratégia de poder pois a administração austríaca era hostil aos camponeses e tal oposição resultou em que “[...] a Galícia possuísse, senão a mais, pelo menos uma das mais arcaicas estruturas agrárias européias (sic.)”.<sup>31</sup>

Precisamos considerar que, pelo menos no que se refere a esta temática, o escrito do agrônomo paranaense, não se ampara em fontes estatísticas ou sendo um texto bem livre de quanto a comprovação de fontes. Além disso, o argumento da estrutura arcaica vinha ao encontro da tese de que os imigrantes ‘eslavos’ e seus descendentes eram resistentes à modernização da agricultura devido aos níveis de escolaridade impostos pelas elites governantes estrangeiras desde antes da imigração. Por força da lógica, organizações do tipo *zadruga* fariam parte daquela “mais antiquada composição agrícola da Europa”.

Nos textos produzidos na Europa e que foram por nós analisados, quase não encontramos referência às tecnologias modernas, ao tema da saúde e da vida social nestas áreas rurais. O estudo feito por Ljubiza Rakitsch, publicado em 1914, uma tese de doutoramento<sup>32</sup> escrita para o departamento de Pedagogia da Universidade de Zurique é uma análise sobre “A posição da mulher na família patriarcal da sérvia...”, mas não qualifica como baixo o nível de escolaridade daquelas organizações. De qualquer modo, o tema põe em questão o tempo da narrativa uma vez que tratamos de textos diacrônicos. Alguns do século XIX e outros das décadas de 1960 e 70.

### **Tempo da narrativa: *zadruga* e faxinal**

---

<sup>30</sup> SPONHOLZ, Newton. **A terra e o Homem no Sul do Paraná: problemas e perspectivas**. Irati: Martins & Abib, 1971. p. 41.

<sup>31</sup> *Ibidem*. p. 26.

<sup>32</sup> RAKITSCH, Ljubiza. **Die häusliche Erziehung in der serbischen Sadruga zur Zeit der türkischen Herrschaft**. Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der hohen philosophischen Fakultät I der Universität Zürich, 1914. p. 17.

Talvez o etnólogo sérvio Milenko Filipović, de modo semelhante a Mihail Gruev, tenha razão ao classificar a *zadruga* como um fenômeno demasiadamente complexo para ser definido de forma unívoca. Poderíamos pressupor que a mesma linha de raciocínio fosse aplicada aos faxinais, sendo tal diversidade indicativo da elasticidade em termos de tempo e espaço. Então vejamos.

Filipović, utilizou a noção ‘família comunal’ para designar uma instituição específica de vida em comum, porém mais ampla do que uma família biológica, enquanto Philip Mosely definiu-a como um

[...] Agregado familiar, composto de duas ou mais famílias biológicas ou pequenas, estreitamente ligadas por laço de parentesco de sangue ou por adoção, que possuem instrumentos de sustento comuns e gerem em comum a propriedade, o trabalho e o seu sustento.<sup>33</sup>

Os textos de Filipović e Mosely nos parecem estabelecer as mesmas relações em função do tempo, pois os verbos estão escritos no presente, indicando que as *zadruga* são uma realidade contextual a eles. O mesmo, porém, não se aplica aos escritos de Dinko Tomašić.

Este, demarcou que uma *zadruga* ‘era’ (com todo o peso do passado) uma comunidade economicamente autossustentável, compreendendo certo número de famílias nucleares: o marido e a esposa, com sua respectiva prole; o número total de membros oscilava, em média, entre 20 e 40 pessoas.<sup>34</sup> Como se vê, os verbos, no texto de Tomašić, estão conjugados no tempo pretérito. Então, o objeto de estudo deve ser algo suplantado no tempo presente a ele, o que nos leva a considerar o seguinte aspecto: na década de 1940, alguns estudiosos do assunto classificavam a *zadruga* como um tipo de organização social extinto ou, pelo menos, em extinção.

Notamos que em algumas produções escritas ainda da Europa, mas posteriores em um século, (década de 1970) também se adotou a perspectiva de relato no passado. O sociólogo francês Henri Mendras anotou que os membros de uma *zadruga* eram geralmente parentes, mas freqüentemente incluíam-se pessoas

---

<sup>33</sup> MOSELY, Philip E. *The peasant family: the zadruga or communal joint family in the Balkans and its recent evolution*. In: Ware, C. **The Cultural Approach History**. New York: [s.n.], 1940. p. 87-98.

<sup>34</sup> TOMAŠIĆ, Dinko. *Op. Cit.*, p. 149-205.



não vinculadas por meio de parentesco e sim por intermédio de um ritual de troca de sangue, que os transformavam em 'irmãos'.<sup>35</sup> Também, o antropólogo Eric Robert Wolf argumentou, que tal unidade organizacional reivindicava direitos comuns sobre os campos, pomares, jardins, vinhedos, gado e pastos, bem como as lojas em que se trabalhava com linho e cânhamo. Alimentos, remédios, abrigo, vestuários e mobílias dentro dos limites da *zadruga*, segundo ele, eram produzidos apenas em quantidade mínima. O gado era vendido apenas para se comprar sal e ferro. A *zadruga*, explica o antropólogo, detinha a totalidade de suas posses como uma unidade; os membros mantinham apenas os direitos de compartilhar os bens.<sup>36</sup>

Numa análise das obras em seu conjunto, pode-se notar certa contradição temporal, talvez porque os autores não definam claramente o período de existência das *zadruga*. Podemos detectá-lo desde a narrativa mais antiga no conjunto das fontes que estamos discutindo: a obras de Ivan Evstatiev Guechev. Seu texto foi publicado no ano de 1888, com o relato no tempo presente, o que pode indicar a presença das *zadruga* naquele contexto. Segundo disse, tratava-se de grupos de famílias ocupando uma grande casa comum, a *družinskahiža*. Na mesma área de abrangência destas comunidades, diz ter constatado certo número de habitações individuais (*komoras*) e outros edifícios construídos ao redor, como estábulos e os *egrek* (currais no campo para os ovinos com uma cabana habitada pelos pastores e cultivando, em comum) uma quantidade de campos aráveis (para plantação de trigo, milho, centeio, aveia e cevada), pomares (para cultivo de diversas variedades de ameixas, maçãs, peras e pêsegos) hortas (para o plantio de batatas, couves, nabos, feijões, ervilhas e tomates) e vinhedos.<sup>37</sup>

Igualmente, Ivan Guechev estudou o caso búlgaro, considerando o tempo que lhe era coevo. Afirmou que o sistema

[...] dá a possibilidade de todos os seus membros se adaptarem à agricultura e à divisão do trabalho. Os camponeses búlgaros atribuem uma grande importância a esta vantagem e afirmam que

---

<sup>35</sup> MENDRAS, Henri. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 65-83.

<sup>36</sup> WOLF, Eric R. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 35-87.

<sup>37</sup> GUECHEV, I. E. A *zadruga* na Bulgária Ocidental. **Revista Periódica da Sociedade Livresca da Bulgária**, Sófia, n. 21 e 22, p. 426-449, 1888.

‘quando estamos sozinhos, a pessoa deve tratar das lavras, do gado, das compras, de tudo; quando estamos juntos, um compra e vende por todos, outro trata do gado, um terceiro cuida das lavras’. Desta forma, os *zadrugari* poupam tempo, ganham experiência e sua *zadruga* progride; na *zadruga* o mais digno governa, e haja vista que preocupações diversas não desviam a sua atenção de seu objetivo principal – a prosperidade e o avanço da *zadruga* – ele está sempre em condições de lhe dedicar todas as suas capacidades; cada membro da *zadruga* têm direito de uma parte dos bens e das receitas comuns por isso não há pessoas pobres, não há proletariado com todas as suas desgraças e perigos; as crianças não passam fome e não andam sem roupa devido à desgraça dos pais. Se alguém de uma *zadruga* for recrutado no exército, se adoecer ou alcoolizar-se, os restantes fazem o seu trabalho e sustentam os seus filhos.<sup>38</sup>

Enquanto Guechev escreveu a respeito das vantagens coletivas deste modo de vida, Josip Kotarski destacou uso das propriedades na *zadruga*. O contexto da sua obra, porém, é do século XX. Utilizou os verbos no tempo presente referindo-se à posse de alguns bens pessoais (*osebunjak*) permitidos aos membros dessas sociedades grupais. Afirmou que, no início dos anos de 1900, os *osebunjak* consistiam exclusivamente da vinha, mas anotou que em outras épocas também incluíam um campo de trigo ou feno e outras terras.<sup>39</sup> O autor considerou que os *osebunjak* por ele conhecidos podiam ser comprados, herdados ou trazidos como dote e quetodas as famílias, como regra, possuíam um desses. Agregou que, naquele tipo de propriedade, o dono somente podia iniciar suas tarefas depois que fizesse a sua parte nas tarefas da propriedade coletiva.

Os *osebunjak* foram descritos com maior quantidade de detalhes por Dinko Tomašić,<sup>40</sup> mas agora em meados do século XX. Notamos que os verbos por ele utilizados estão no passado, dando a entender que as *zadruga* não mais existiam nesta região. Escreveu que os moradores destas localidades ‘possuíam’ (ao invés de possuem) em comum: as florestas, os rios, os prados, os rebanhos bovinos, suínos, caprinos, ovinos, equinos e diversos tipos de aves. As refeições, relatou,

---

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> KOTARSKI, J. **Lobor**. Zbornik/Znžo, 1907. p. 220-231.

<sup>40</sup> TOMAŠIĆ, Dinko. *Op. Cit.*, p. 149-205.

eram (ao invés de são) servidas na *hiža* a todos os membros da organização, ao mesmo tempo.

O autor acrescentou que vender as terras de uma *zadruga* significava decretar o desaparecimento de seus membros e que, geralmente, era tarefa dos homens cuidar da lavoura, da aração, do corte de madeira e da carpintaria, bem como do trabalho nas vinhas e nos pomares. Enquanto isso, o cultivo de hortaliças, e outros encargos tais quais cozinhar, fazer limpezas pequenas, confeccionar bordados e todo o cuidado com a casa eram tarefas colocadas impostas às mulheres. Além disso, elas podiam ser instadas a trabalhar com os homens nos campos de trigo e de feno, bem assim nas vinhas e nos pomares; segundo o autor, os homens podiam ajudar as mulheres nas tarefas artesanais, na limpeza da terra e na colheita, e, às vezes, na tecelagem (em algumas *zadruga* somente os homens faziam o serviço de tecelagem). Crianças e mulheres solteiras eram, normalmente, envolvidas no pastoreio; os idosos executavam pequenas tarefas na casa ou nos campos.<sup>41</sup>

As fontes até aqui vistas, entretanto, não apresentam elementos suficientes para definir um período de tempo em que houve o surgimento e mesmo se este tipo de organização social rural centro-europeia ainda subsiste na região dos Balcãs. Mendras,<sup>42</sup> autor dos textos mais recentes aqui estudados acrescenta novo elemento mas insuficiente, de que uma *zadruga* pode existir por um número indefinido de gerações, sendo que os mais velhos encarnam a continuidade da coletividade e transmitem a cultura, o saber, os valores e as normas às crianças e aos jovens. Não há maiores detalhes a respeito da temporalidade da *zadruga*, o que parece ser semelhante nos escritos mais antigos sobre os faxinais. Os aspectos da coletividade, do uso dos bens, da organização do espaço e do trabalho, no entanto também são destacados pelos estudiosos do tema em termos de Brasil.

O uso e a posse da terra nos faxinais parecem mais associados ao seu espaço ou ao ambiente. Man Yu Chang, uma das mais antigas e pioneiras referências em textos científico sobre faxinais, pressupôs que esta forma de organização originou-se do encontro entre os caboclos da região sul do Brasil e os imigrantes poloneses

---

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> MENDRAS, Henri. *Op. Cit.*, p. 85-106.

vindos para a região sudeste do Estado do Paraná no final do século XIX e no início do XX.<sup>43</sup> Das formas de exploração, posse e uso da terra características destas duas culturas teria resultado a mescla que deu origem aos criatórios comuns.

Chang propôs que esses escravos foram assentados numa área em que existiam ervais nativos, considerados como os sustentáculos da economia regional praticada pelos caboclos. Então, a policultura alimentar e a produção animal doméstica eram associadas ao extrativismo sazonal da *Ilexparaguariensis*. Registrou que “[...] a prioridade do mate e a necessidade de subsistência induziu aos poucos a uma definição mais nítida quanto ao uso da terra”.<sup>44</sup>

Nestas condições, em conformidade como texto de Chang, as matas de ervais não eram derrubadas e as respectivas áreas de lavoura localizavam-se, via de regra, em sítios mais distantes ou, então, naquelas porções do território vetadas ao acesso da criação miúda.<sup>45</sup>

Era – atenção ao tempo verbal – anotou ela, a prática tradicional nos capões<sup>46</sup> do campo.<sup>47</sup> E na continuidade,

[...]as matas limpas, onde se desenvolvia o mate, serviam de ótimo meio natural para a criação doméstica, principalmente os suínos (sic). Estas matas eram compostas de ervateiras, intercaladas com pinheiros e alguns pés de madeira de lei, frutíferas silvestres e coberta por uma gramínea rasteira. Esta composição de vegetação é localmente conhecida por ‘caíva’.<sup>48</sup>

---

<sup>43</sup> CHANG, ManYu. Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. **Boletim Técnico do IAPAR**, Londrina, n. 22, p. 32-39, 1988.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> Caprinos, ovinos, suínos e aves em geral.

<sup>46</sup> Ocapão é uma formação vegetal típica do Brasil meridional região Sul e centro-sul do estado de São Paulo. Consiste em um grupamento de vegetação arbórea cercada por campinas. É palavra de origem tupi/guarani e possui duas etimologias possíveis: “mata redonda”, por meio da junção dos termos *ka’a* “mata” e *pu’ã* “redondo” e “intervalo de mata”, sendo a junção dos termos *ka’a* “mata” e *epa’um* “intervalo”.

<sup>47</sup> Pode-se traduzir por Campos Gerais: Chama-se Campos Gerais do Paraná à região fito-geográfica situada no sul do Brasil a oeste da escarpa devoniana do Estado do Paraná denominada “segundo planalto”, que invade ao Norte o Estado de São Paulo e ao Sul o Estado de Santa Catarina, característica por seus campos limpos permeados de matas de galeria e capões esparsos de floresta ombrófila mista onde aparece a *Araucária angustifolia*, árvore símbolo do Paraná. Também conhecida como área de influência de Ponta Grossa. Municípios que fazem parte dessa região: Ponta Grossa, Castro, Palmeira, Lapa, Arapoti, Campo do Tenente, Cândido de Abreu, Ipiranga, Jaguariaíva, Ortigueira, Pirai do Sul, Porto Amazonas, Reserva, Telêmaco Borba, Tibagi, Balsa Nova, Campo Largo, Carambeí, Imbaú, Ivaí, Rio Negro, São João do Triunfo, São José da Boa Vista, Teixeira Soares, Sengés, Ventania e Prudentópolis.

<sup>48</sup> CHANG, Man Yu. *Op. Cit.*, p. 32-39.

Na constituição da narrativa elaborada por Chang os caboclos eram os moradores das *caíva* (literalmente = planta ruim); mas é importante registrar que este termo pode ser interpretado com significado pejorativo, na língua nativa: o guarani. Primeiro, é atribuído a certa planta maléfica e pode ser traduzido, também, como mato ruim, carrasquento,<sup>49</sup> quer dizer, terreno não apropriado para cultura e pouco adequado para se viver, ou para a moradia, mas não necessariamente ruim para outros usos. Aliás, como escreveu Chang, *ascaívas* eram propícias à criação de animais porque a vegetação pouco densa permitia a livre circulação do gado enquanto que as andanças das criações pelo interior do matagal facilitavam, aos agricultores, o trabalho de roçada.<sup>50</sup>

A autora escreveu que os eslavos introduzidos nessa região desconheciam tal sistema de criação às soltas e, portanto, não praticavam o ‘cercamento’ das lavouras. Sua hipótese é de que, na Europa, a gente que vivia no campo plantava em áreas abertas e criava seus animais em cercados específicos para tal fim.

Nesta região, enquanto os mencionados imigrantes ainda não haviam chegado “[...] foram introduzidas [...] cercas de ‘frechame’, constituídas de troncos encaixados e ripas lascadas de pinheiro, quando a madeira era abundante e sem valor. Mais tarde, os ‘frechames’ foram substituídos por cercas de arame farpado.”<sup>51</sup> Significa que os caboclos haviam ocupado as matas, como encontrassem pastagens em abundância nas clareiras sendo que o gado solto exigia amplos espaços de pastoreio, começaram a construir cercas coletivas que abrangessem as *caívas* contíguas numa região. No interior do cercado, eram criados os animais, as chamadas “[...] terras de criação[...]e ao seu redor, fora das cercas ficavam as terras de plantas, ou as capoeiras”.<sup>52</sup> Basicamente, nisso consistiria o sistema de faxinal descrito por Chang, sendo que as terras continuavam de propriedade particular e os proprietários ficavam encarregados de manter e zelar pela cerca na parte que localizava-se dentro de seu lote.

Este modo de organização e ocupação do espaço, ainda conforme Chang, teria se consolidado a partir da ampliação das áreas de lavoura e do aumento da

---

<sup>49</sup> Marrasquino, raquíptico.

<sup>50</sup> CHANG, Man Yu. *Op. Cit.*, p. 32-39.

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> *Ibidem*.

quantidade de animais, que pressupôs haver ocorrido com o assentamento dos eslavos.<sup>53</sup> A autora corrobora, dessa forma, a controversa tese defendida por Sponholz da ‘caboclicização dos europeus, tal como os poloneses. Nesta lógica, os faxinais representariam certa forma de aculturação dos imigrantes,<sup>54</sup> o que consideramos, aqui, como interpretação pouco comprovada, ou, um tanto livre.

Comparativamente a Guechev, Tomašić, Kotarski, e (até mesmo Fornazzari), Chang dedicou pouco espaço à descrição da organização familiar ou das formas de poder existentes nestas comunidades faxinalenses. Entretanto, afirma que as prefeituras locais estenderam o controle e praticaram intervenções nesses lugarejos interioranos por meio da criação de duas ‘figuras jurídicas’: o inspetor municipal e o inspetor de quarteirão, ambos nomeados pelos moradores da localidade em que iriam atuar. O primeiro era registrado na prefeitura, fazendo as vezes de um prefeito distrital ou local. O segundo, na delegacia, desempenhando certas funções de delegado no distrito ou na localidade.

Em um dos raros trechos em que Chang refere-se às tarefas e a divisão do trabalho nos faxinais, escreve que, quando um grupo familiar deixava a agremiação, o inspetor municipal atribuía os serviços que os ingressantes precisariam executar dali em diante, por exemplo, as obrigações quanto à confecção e conservação da cerca comum.<sup>55</sup> O estudo de Chang, de forma geral, nos parece mais voltado à descrição das estruturas do faxinal, embora haja certo destaque em relação à organização espacial destas comunidades, aspecto que foi encampado por uma de suas leitoras e seguidoras, Maria Magdalena Nerone.

Esta historiadora deixou bem claro, desde o início de sua narrativa (veja o título de seu trabalho mais citado, sua tese de doutorado), uma configuração espacial (que se tornou clássica) de qualquer área de faxinais: o espaço é dividido em terras de plantar e terras de criar. A autora estudou, na década de 1990, o faxinal do Marmeleiro de Baixo, localizado no atual município de Rebouças-PR.

---

<sup>53</sup> *Ibidem.*

<sup>54</sup> *Ibidem.*

<sup>55</sup> *Ibidem.*

Escreveu que ‘o registro de nascimento da comunidade’<sup>56</sup> é de 1928, porque a data representa ‘um elo de sentido’, um marco referencial.

Essa maneira de pensar os acontecimentos, fundamentada nas discussões empreendidas por Alfredo Bosi,<sup>57</sup> entre outros, apresenta-se também como ‘discurso fundador’<sup>58</sup> do faxinal em questão. Conforme a narrativa básica feita por Nerone, o documento que simboliza a ‘certidão de nascimento’ do Marmeleiro é o registro do faxinal na câmara municipal de São João do Triunfo-PR. De fato, naquela época a localidade de Antônio Rebouças era um distrito de São João, e se tornou o município de Rebouças, no ano de 1930.

A historiadora recorreu a um personagem faxinalense que lhe narrou que teria auxiliado seu pai a construir a primeira cerca coletiva, ali, para o ‘estabelecimento do criadouro comum’. Conforme Nerone, tal cerca teria 5.584 braças de extensão, o que calculamos como algo em torno de 12.300 metros de cercas ou perímetro.<sup>59</sup> Se nossa leitura é correta, os trechos de cerca variavam, na época, entre 1,018 e 4,4 metros. Trechos divididos entre 53 proprietários ou unidade habitante<sup>60</sup> do faxinal.

No ano de 1991, continua Nerone, foi lavrada a escritura pública relativa ao estabelecimento do criadouro comum do Marmeleiro de Baixo, cuja área totalera de 625,6 hectares.<sup>61</sup> Apresenta a escrituração da área de uso coletivo sob a forma de um acontecimento “ratificante”,<sup>62</sup> ponderando que o criadouro “[...] não nasceu

---

<sup>56</sup> NERONE, Maria Madalena. Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997. 2000. 286f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2000, p. 99.

<sup>57</sup> BOSI, A. *O tempo e os tempos*. In: SOARES, A. (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. p. 19-32.

<sup>58</sup> Neste ponto, nos baseamos no texto de Eni P. Orlandi para quem o discurso fundador “(...) não se apresenta como já definido, mas antes como uma categoria do analista a ser delimitada pelo próprio exercício da análise dos fatos que o constituem em relação à história de um país (...) funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país”.

<sup>59</sup> Tendo por base que uma braça é equivalente a 2,2 metros.

<sup>60</sup> Pode ser traduzida por família, mas algumas destas unidades podem ser constituídas por um ou mais habitantes, solteiros ou viúvos.

<sup>61</sup> ESCRITURA PÚBLICA DE INSTITUIÇÃO DE CRIADOURO COMUM, 1919, p. 274.

<sup>62</sup> Pode-se notar certa contradição nessa história porque os moradores listados no registro de 1928 são denominados, pela autora, como pioneiros. Neste caso, o Marmeleiro seria fundado ou ‘teria nascido’ duas vezes. Pode ser que a segunda vez seja no sentido de regularização oficial porque 1991 é marcado como novo acontecimento: as normas de funcionamento do sistema foram escritas e registradas no cartório do município de Rebouças. Nesta época, segundo Nerone, eram 180 famílias, vivendo em 240 alqueires de terras.

do acaso, mas teve seu fundamento numa experiência ancestral”.<sup>63</sup> A autora fez uma descrição detalhada de uma das moradias rurais existentes no Marmeleiro. Em redação livre, ou seja, sem amparo documental (considere-se que durante o período dos estudos ela esteve reunida com os moradores várias vezes no Marmeleiro)<sup>64</sup> troca o estilo narrativo pela descrição.

Esse texto, para nós, é de fundamental importância por se tratar das impressões da autora sobre o faxinal, evidenciando detalhes que podem ser cotejados às percepções dos autores ‘eslavos’ mais antigos a respeito das *zadruga*, pois que estiveram fisicamente nos locais de estudo. Vamos à descrição.

Na região Sudeste do Paraná, no faxinal Marmeleiro de Baixo, década de 1990, segundo Nerone

A moradia rural mais abastada era composta de várias construções: a casa grande, a cozinha de chão, o paiol (para guardar mantimentos, o milho, o feijão, e o arroz com casca), a casa de monjolo, a casa de forno, casa do carro (onde se guardavam a carroça, o arado, a carpideira (sic.), a grade, e os demais instrumentos de trabalhar na roça) a estrebaria e o galinheiro. Também fazia parte do conjunto o quintal, o jardim, o mangueirão, onde os porcos ficavam soltos (os porcos para engorda eram fechados no chiqueiro). Esses espaços eram contornados pela mangueira, uma cerca que geralmente era de frechame [...] As casas eram, geralmente, de madeira.<sup>65</sup>

O termo ‘casa grande’ talvez seja, aqui, aplicado por influência de Gilberto Freyre, mas, em nossa opinião, não se aproveitaria no mesmo sentido utilizado pelo autor de Casa Grande e Senzala. Vale dizer que, ainda assim, a expressão evoca um aspecto interessante retratado por Nerone<sup>66</sup> – ali não existe a ‘casa pequena’ (ou a senzala) e nem mesmo casas associadas à grande. Pode-se dizer, inclusive, que o faxinal se apresenta como uma forma organizativa bastante diversa do modelo de engenho exposto por Freyre: não é comum, nos faxinais, haver um centro, uma sede do poder e nem mesmo é ordinário haver um espaço central para a igreja e a escola ou outras instituições que se colocariam na área nuclear do

---

<sup>63</sup> NERONE, Maria Madalena. *Op. Cit.*, p. 102.

<sup>64</sup> *Ibidem.* p. 18.

<sup>65</sup> *Ibidem.* p. 18.

<sup>66</sup> *Ibidem.* p. 7.



criadouro. Melhor dizendo, os faxinalenses não organizam o espaço habitacional necessariamente em função de um centro de poder.

Atualmente, em nossas visitas de estudos aos faxinais, observamos que a disposição das casas não segue o modelo de localidade com núcleo habitacional típico das colônias, das cidades e das vilas que adotaram o sistema de propriedade particular ou que abandonaram a prática da criação em espaço coletivo há muito tempo, mas partindo de suas observações, Nerone apresentou a década de 1950 como um marco na arquitetura faxinalense.

Escreveu que, até este período, as casas eram “[...] cobertas de taboinhas (sic.) de madeiras tiradas do pinheiro”.<sup>67</sup> Diz que, posteriormente, tal cobertura foi substituída por telhado de barro, além do que, a maioria das moradias não apresentava janelas nem portas com vidraça; eram fechadas com pedaços de madeira chamados tramelas.

Como a narrativa feita por Nerone caracteriza-se por certa autonomia em relação a documentos escritos e às vezes, a qualquer outro tipo de fonte, o texto parece referir-se à década de 1950. Para ela, nesta data aproximadamente, teria ocorrido uma grande mudança na região dos faxinais, uma vez que, até então, normalmente os faxinalenses utilizavam a cozinha de chão batido. Era um lugar de sociabilidade da família, lugar em que se contava histórias, se aqueciam as pessoas que tomavam mate, cantavam e narravam histórias. Nerone, em certa medida, imitou o escrito produzido, havia passado duas décadas, pelo médico Luiz Fornazzari. Escreveu que

[...] eram raras as casas em que havia banheiro, com chuveiro de latão, pois o banho geralmente era tomado em bacias grandes com água fria, no rio ou na cachoeira, principalmente aos sábados. À noite, costumava-se lavar os pés na gamela de madeira, antes de ir dormir. A roupa era lavada na bica do monjolo ou no rio, numa tabua de lavar... O sabão usado era caseiro, na maioria das vezes feito com cinza. A água utilizada para beber não era a do rio, mas água do olho d’água.<sup>68</sup>

Trata-se de uma escrita quase de estilo livre, em alguns trechos, mas rica em detalhes do cotidiano, feito por alguém que esteve no lugar, que conviveu com as

---

<sup>67</sup> *Ibidem*. p. 106.

<sup>68</sup> *Ibidem*. p. 108.

pessoas. Em alguns casos trata-se de material até mais minucioso do que aquelas obras elaboradas por autores eslavos a respeito da *zadruga*, às quais tivemos acesso, exceto a de Ostrožinski, que viveu na *zadruga*.

Apresenta, também, alguns detalhes importantes quanto à divisão social e sexual do trabalho. A tarefa de lavar roupas, por exemplo, era atribuída às pessoas do sexo feminino que “[...] com dia e horário marcado, era executada por duas ou mais mulheres, as lavadeiras, as quais usufruíam do momento para cantarolar ou bater um papo [...] buscar a água com um ou dois baldes geralmente era tarefa das mulheres”.<sup>69</sup> Ainda a respeito das práticas cotidianas, referiu-se Nerone às andanças à noite – consideradas como raras – fala dos fochos, das lanternas e da ‘contação’ de causos, que conforme o texto, foram desaparecendo com a introdução da energia elétrica na área rural, na região dos faxinais. Os aparelhos elétricos foram incorporados ao faxinal na década de 1990, entre eles, o rádio e a televisão. Assim, assegura que o modo de vida anterior “[...] foi sendo abolido e enfraquecendo a transmissão oral de uma cultura que foi veiculada através de gerações”.<sup>70</sup>

### **A modo de conclusão**

Tentando sintetizar, enfocaremos comparativamente as formas pelas quais as dimensões do espaço e do tempo, tanto da *zadruga* como dos faxinais, aparecem nessas produções escritas. Essa opção se dá em função de avançarmos para além de textos historiográficos, e devido a tratativa dos autores estudados, às vezes, autônoma em relação às fontes. Iniciamos pelo texto de Nerone.

Há, no texto dessa autora, uma descrição dos espaços das habitações dos faxinalenses. Sem declarar a fonte, utilizando o verbo no passado, escreveu a respeito das partes cobertas em torno das casas chamadas de áreas (varandas), espaço usado para receber pessoas, fazer conversar e tomar chimarrão. Segundo a autora, nessas habitações somente os visitantes ‘mais íntimos’ teriam acesso à sala e à cozinha, havendo uma espécie de sala de jantar destinada a servir como lugar

---

<sup>69</sup> *Ibidem*. p.108-109.

<sup>70</sup> *Ibidem*. p. 109.

das refeições para convidados especiais ou importantes. O sótão é considerado, por ela, como um ambiente diferenciado nos faxinais.

Assim, efetua-se uma análise da ‘divisão social do espaço faxinalense’ em relação ao parentesco, ao gênero e à idade. Dizemos, então, com base no seu texto, que, no faxinal da década de 1990 o sótão constitui-se como espaço dos adultos, a área coberta ao entorno da moradia, lugar “masculino por excelência” destinado aos visitantes; a cozinha e a sala, “recintos femininos” e dos íntimos. Desse modo, conclui que “[...] na morada do meio rural faxinalense, há locais bem definidos, da mesma forma que são demarcadas as áreas dentro do faxinal, em espaços de criação e das lavouras”.<sup>71</sup>

Podemos falar da divisão cultural do ambiente faxinalense, temática indicada, de certo modo, por Nerone que considera estar a dimensão societária do lugar “[...] relacionada com o espaço geográfico, com domínios culturais, entidades de outro mundo, numa relação de vivos e de mortos, determinando lugares de uns e de outros num mesmo universo, o faxinal”.<sup>72</sup>

Primeiramente, o conceito de lugar utilizado por Nerone pode nos remeter às reflexões elaboradas por Michel de Certeau. A estudiosa dos faxinais vinculou o lugar à ideia de limites e fronteiras. Cada espaço descrito em relação ao permitido e ao interdito, ou seja, a concepção básica implica a circulação de pessoas, o que arriscaremos chamar de ‘noção aduaneira de espaço’. Podemos lançar a hipótese de que esse seja mesmo o alcance específico do conceito de espaço social: o lugar definido geograficamente e politicamente, ou o território. Então, as lavouras têm seu espaço interdito aos animais, pela coletividade humana faxinalense. Os animais (com exceção de cães, gatos e certas aves) são impedidos de entrar nos recintos das casas, devido aos cercados que circulam os ambientes reservados aos humanos. É negado aos visitantes esporádicos e não familiares o acesso aos cômodos mais reservados tais como a cozinha e a sala. E, mesmo os íntimos como as crianças da família, são desencorajados a frequentar certos ambientes, tais como o sótão.

---

<sup>71</sup>*Ibidem.*

<sup>72</sup>*Ibidem.*

Inversamente, essa parte alta da casa (sótão faxinalense) é o ambiente exclusivo dos adultos, enquanto que a cozinha e a sala são lugares dos íntimos, dos adultos e das crianças. A varanda pertence a todos, incluindo os visitantes esporádicos e desconhecidos, enquanto que fora da cerca, ao entorno do complexo da casa, é domínio de todos, incluindo os animais. Reconhecemos a importância do trabalho realizado por Nerone, mas a autora não deixa claro se, de fato, a grande quantidade de informações por ela fornecidas baseiam-se, mesmo, na observação direta. De qualquer modo, dentre os textos e documentos explorados aqui, a tese de Nerone representa o material que mais nos inspira a deslocar indagações e hipóteses a respeito da espacialidade destas agremiações coletivas tanto no Brasil como na Europa-Central.

O texto de Chang virá em segundo lugar, pois o tratamento dado à espacialidade nos parece mais vinculado à paisagem, à ampliação e à redução dos limites ocupados por novas áreas de agricultura e para a criação de animais. É a história da *caívano* centro, e da relação que o imigrante polonês estabeleceu com a região Sudeste do estado do Paraná, no entorno da discussão por ela implementada. Trata-se, também, de uma reflexão relativa à prática e à reação dos moradores nativos, não indígenas, principalmente caboclos, frente à opção e à necessidade do 'cercamento' dos animais, interditando as áreas de lavoura. Para a autora, a consolidação do espaço dos faxinais, especialmente os criatórios comuns, é resultado da atuação das prefeituras locais, que, por meio dos inspetores de quarteirão e municipais, fizeram-se presentes e atuaram decisivamente na consolidação do faxinal. Em decorrência disso, esses criatórios comuns característicos aparecem sob a forma de espaço institucionalmente consolidado via prefeituras locais.

Pode-se dizer, que as autoras parecem situar bem os faxinais na linha do tempo. Embora não se apresente uma data para o surgimento dos criadouros comuns cercados na região, elencam alguns marcos temporais bem definidos tais como o final do século XIX e início do XX, como a chegada dos imigrantes eslavos na região, a década de 1920 e a de 1950. Os textos versando sobre as *zadruga*, por seu turno, são mais imprecisos em relação à temporalidade, mas deslocam expressiva quantidade de questões a respeito da dimensão espacial.

Vale dizer que tivemos, relativamente, muito menos contatos com textos escritos a respeito das *zadruga*, mas é possível considerar que os conceitos de espaço adotados por Josip Kotarski, Ivan Guechev e Dinko Tomašić restringem-se aos aspectos da posse dos bens como as terras e da organização social dos membros dessa organização de agricultores centro-europeia. Assim, em um período não definido por Kotarski, o ambiente era extenso aos campos de trigo, de feno e a outras áreas, reduzindo-se, depois, à vinha e mantendo uma área de posse comum a que os membros dessa sociedade estariam vinculados. Os ocupantes de tal ambiente deveriam atender, primeiramente, às demandas da área comum para, só então, resolver outros problemas e executar os trabalhos considerados como particulares. Em relação à Bulgária, a *zadruga* é descrita como ambiente de cooperação, governado pelo membro mais probo do grupo em questão. Guechev esboça tal lugar como sítio livre da pobreza e incólume à divisão de classes. A *zadruga* aparece como uma espécie de reflexo da república platônica: o governante exerce sua função plenamente, estando desobrigado de ocupar-se com as necessidades cotidianas. Mas devemos considerar, para uma interpretação mais moderada do texto, que o autor o publicou no ano de 1888, época em que vigoravam, entre outros, os discursos do socialismo utópico.

Comparativamente, podemos dizer que a ideia da divisão do espaço social foi aplicada por Dinko Tomašić para estudar a *zadruga* e, dessa forma, o ambiente não se limita ao espaço físico, tornando-se extenso ao domínio, ou seja, à dimensão social e política. Tomašić publicou sua obra sessenta anos depois que Guechev levou a sua a público. Assim, considerou o campo da lavoura, das vinhas, dos pomares e dos trabalhos com madeira como possessão do masculino. A área das hortaliças, os espaços da culinária, da limpeza doméstica e dos bordados, como ambientes “*zadrugares*” tipicamente femininos. Mas é de se notar que o autor apresenta uma série de setores em que estes limites implicam porosidades e mesclas, ou seja, situações em que as tarefas podem ser realizadas em conjunto (por homens e mulheres) seja nos campos de trigo, seja nas vinhas, nas tarefas artesanais, na capina, nos pomares, nas colheitas e nas tecelagens.

A julgar pelo investigado até aqui, nota-se um detalhe significativo nas diferenças anteriormente apontadas entre os autores que escreveram sobre as

*zadruga* e os faxinais. No caso da divisão social do espaço, Guechev e os escritores europeus tomam como totalidade o território da *zadruga*, enquanto Nerone, em determinados pontos de seu estudo, concentrou sua atenção no ambiente da casa. Devemos considerar que um período de meio século, aproximadamente, os separa, e mesmo assim, adotam comportamento semelhante em relação à comprovação documental, isto é, certa independência entre escrito e fonte comprobatória.

Para além da Bulgária, Stefan Savov Bobtchev considerou a *zadruga* como espaço composto por famílias submetidas a normas internas, tal como no âmbito da *Hauskommunion*, referida no texto de Ostrožinski. Tomando-se em conta o argumento de haver nascido numa destas comunidades servo-croatas, concluímos, também, que as informações prestadas pelo autor são derivadas de observação direta, assim como foram as que compõe o texto de Nerone e o de Avé-Lallemant, sobre os faxinais, ou a respeito do que se supõe que seja um deles em estado rudimentar.

No texto referido a Mendras a *zadruga* é representada como espaço da vivência familiar, incluindo gente admitida por intermédio de um ritual específico. Tal ambiente é ‘desenhado’ por Wolf como meio organizacional em que os alimentos, os remédios, os abrigos, os vestuários e as mobílias se produzem apenas em quantidade mínima. Era, assim, para o autor, uma totalidade de posses, tratada como unidade. A *zadruga* e o faxinal são representados de variadas formas. Parte dessas representações, ao que parece, tornaram-se discursos fundadores, especificamente, na Bulgária e na Sérvia. O mais conclusivo para este estudo, porém, consiste em havermos confirmado que qualquer dedução no sentido de que os faxinais seriam uma espécie de continuidade da tradição *zadrugari* seria precipitada e pouco provável. Em todo caso, demandará um aprofundamento muito maior, uma investigação mais profunda, e principalmente, com base numa gama mais ampla de fontes.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

BOBTCHEV, S. S. A zadruga de filharada (челяд) búlgara. **Colectânea NUNK**, Sófia, n. 22-2, p. 10-21, 1907.

BOSI, A. O tempo e os tempos. *In*: SOARES, A. (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

CAMPIGOTO, José Adilçom; SOCHODOLAK, Hélio. Os Faxinais da região das araucárias. *In*: OLINTO, B. A.; MOTTA, M.; OLIVEIRA, O. **História agrária: propriedade e conflito**. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2008. p.183-212.

CHAMA, Foed Castro. Notas para um estudo da ecologia de Irati. **Revista Irati**, Irati, Edição Comemorativa dos 60 anos do Município, p. 35-47, 1967.

CHANG, Man Yu. Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. **Boletim Técnico do IAPAR**, Londrina, n. 22, 1988.

CROSS, S. A. [1930]. **Primitiv Slavic Culture**. Quickbooks. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/88761086/Primitive-Slavic-Culture>. Acesso em 14/03/2014.

FORNAZZARI, Lourival Luiz. Investigações parasitológicas e socioeconômicas. **Revista O Debate**, Irati, ano 1, n. 1, 1968.

GREGORY, V. **Os euro-brasileiros no espaço colonial: Migrações no Oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2002. p. 5.

GUECHEV, I. E. A zadruga na Bulgária Ocidental. **Revista Periódica da Sociedade Livresca da Bulgária**, Sófia, n. 21-22, p. 426-449, 1888.

KOTARSKI, J. **Lobor**. Zbornik/Znžo, p. 220-231, 1907.

LAVELEYE, É. L. V. **Primitive property**. London: Macmillan and Co., 1878.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSELY, P. The peasant family: the zadruga or communal joint family in the Balkans and its recent evolution. *In*: Ware, C. (ed.). **The Cultural Approach History**. New York: Columbia University Press, 1940.

NERONE, Maria Madalena. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997**. 2000. 286f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

ORREDA, José Maria. **Irati 70 Anos**. Irati: Imprensa Martins, 1978.

OSTROŽINSKI, O. U. **Die Hauskommunionen der Südslaven**: Eine Denkschrift zur Beleuchtung der volksthümlichen Acker-und Familienverfassung des serbischen und kroatischen Volkes. Wien: F. Manz & Compagnie, 1859. p. 38-75.

RAKITSCH, L. **Die häusliche Erziehung in der serbischen Sadruga zur Zeit der türkischen Herrschaft**. 1914. Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der hohen philosophischen Fakultät I der Universität Zürich, Zürich, 1914.

RIHTMAN-AUGUŠTIN, D. The communal family between real and imagined order. **Nar: umjet**, Zagreb, n. 1. 2, p. 209-218, 1988.

SCHUSTER, W. T.; LÖWEN SAHR, C. L. O faxinal do presente e o faxinal do passado: evolução do uso da terra no faxinal Saudade Santa Anita – Turvo (PR). **Pulbication UEPG**, Ponta Grossa/PR, v. 15, n. 1, p. 7-18, abr. 2009. Disponível em: <https://revistas.apps.uepg.br/index.php/exatas/article/view/970/841>. Acesso em 13/07/2020.

SOUZA, M. Discurso fundador, história e subjetividades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 12, p. 57-64, dez. 2002.

SPONHOLZ, Newton. **A terra e o Homem no Sul do Paraná**: problemas e perspectivas. Irati: Martins & Abib, 1971.

STANISCHITSCH, Alexa. **Ueber den Ursprung der Zadruga**: Eine soziologische Untersuchung. Bern: Buchdruckerei Scheitlin/Spring, 1907.

TOMAŠIĆ, D. **Personality and culture in Eastern European politics**. New York: George Stewart, 1948. p. 149-205.

VITTORELLI, N. [1999]. An “Other” of One’s Own: Pre-WWI South Slavic Academic Discourses on the zadruga. Disponível em: [http://www.yorku.ca/soi/Vol\\_2\\_3/HTML/Vittorelli.html](http://www.yorku.ca/soi/Vol_2_3/HTML/Vittorelli.html). Acesso em 29/06/2014.

WOLF, E. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

Recebido: 07/10/2016  
Aprovado: 13/05/2020